

# Conjugalidade e Gestão do Orçamento Doméstico: Um Estudo Qualitativo

Angélica Lopes Gonçalves<sup>1</sup>

Sandro Caramaschi<sup>2</sup>

Marianne Ramos Feijó<sup>3</sup>

## Resumo

*Este artigo é um relato de pesquisa qualitativa de mestrado, cujo objetivo é descrever como casais não clínicos percebem as dificuldades e as divergências ao lidar com o orçamento doméstico. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis casais, com e sem filhos, com até cinco anos de casamento. Os resultados mostraram que as divergências estão relacionadas aos custos dos produtos e ao grau de autonomia de cada cônjuge nas decisões de compras. Questões culturais como gênero e o consumismo influenciam o modo de lidar com o dinheiro, além da repetição intergeracional de comportamentos e de padrões de interação familiar. O conhecimento sobre tais dinâmicas contribui para a compreensão por parte de psicólogos e de terapeutas de casais da dimensão financeira no casamento, bem como para a estruturação de futuras práticas terapêuticas, educativas e preventivas em situações de conflitos conjugais.*

**Palavras-chave:** conjugalidade; orçamento doméstico; gênero; intergeracionalidade.

## Conjugality and Management of the Household Budget: A Qualitative Study

### Abstract

*This article is a qualitative research report of a master's degree, whose purpose is to describe how non-clinical couples meet the struggle and divergences when dealing with the household finances. Six couples, with and without children, that has been married for up to five years were interviewed. The results have shown that the divergences are related to the price of products and each partner's self-sufficiency in making shopping decisions. Cultural factors like gender and consumption affect their money management, besides the intergenerational repetition of behavior patterns and family interaction. Insight about these dynamics contributes to the understanding of the marriage's financial dimension by therapists and psychologists, as well as to developing future therapeutic, preventive and educational methods in marital conflict situations.*

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, Bauru-SP.

<sup>2</sup> Professor Assistente Doutor da Universidade Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, Bauru-SP.

<sup>3</sup> Professora Assistente Doutora da Universidade Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, Bauru-SP.

**Keywords:** *marriage; household finances; gender; intergenerationality.*

## Introdução

Em uma sociedade consumista e desigual como a brasileira, a gestão dos recursos domésticos e a divisão de tarefas voltadas à geração de renda tendem a impactar sobremaneira as relações conjugais e familiares. Altos níveis de desemprego, custo de vida elevado, dentre outros fatores, tornam complexa a tarefa do casal de gerir o orçamento doméstico. Tensões relacionadas à sobrevivência em famílias com menos recursos materiais e ao consumo em famílias cujos recursos garantem a sobrevivência fazem parte do cotidiano da maioria da população. Mesmo aqueles que apresentam renda bastante acima da média são frequentemente afetados pelos padrões de *status* e de consumo socialmente propagados, valorizados e reforçados continuamente por intermédio de recursos midiáticos.

A adaptação a uma relação (seja conjugal, de trabalho ou outra) é um desafio, especialmente quando não há divisão de papéis e autonomia satisfatórias na visão dos envolvidos. É sabido que não são apenas os recursos materiais que contribuem para a manutenção da desigualdade e da dependência nas relações, já que papéis construídos em torno de gênero afetam homens e mulheres e influenciam a relação entre eles (Frabetti, Thomazelli, Feijó, Camargo & Cardoso, 2015).

O estudo relatado neste artigo visou a compreender como casais não clínicos percebem suas dificuldades e divergências relacionadas ao gerenciamento do orçamento doméstico. O orçamento doméstico pode ser definido como o fluxo de dinheiro que entra e sai do lar, oriundo de fontes diversas como herança, investimentos, empréstimos e, mais usualmente, do trabalho dos cônjuges e/ou de um cônjuge, utilizado para custear as despesas geradas com habitação, saúde, educação, vestuário, transporte, lazer, banco e, inclusive, a ação de poupar.

Gerenciar o orçamento doméstico, por sua vez, implica planejamento, organização, direção e controle de recursos (Duarte, 2011), de maneira que o sustento e a concretização de projetos individuais e comuns sejam possíveis. Porém, alguns casais não dialogam sobre o uso do dinheiro, sobre planejamento financeiro para o futuro e a respeito da necessidade de envolvimento de ambos os cônjuges nesse processo (Carrilho, 2013), destarte, devido aos ideais românticos que dissociam a dimensão financeira da amorosa (Zelizer, 2012).

Além dos comportamentos dos cônjuges, do padrão de comunicação entre eles e do relacionamento marital, as questões familiares também influenciam na gestão do orçamento doméstico. O modo como os membros da família lidam com o dinheiro nas fases do ciclo vital pode se diferenciar em virtude das demandas que vão emergindo, conforme explicam Cervený e Berthoud (1997; 2002). Na *primeira etapa* (fase de aquisição do ciclo vital familiar), dá-se início a construção da identidade do casal e adquirem-se patrimônios, estabelecem novo modelo de relacionamento, nascem os filhos, negociam-se regras e valores. Nas etapas seguintes, o emprego do dinheiro também é discutido conforme os contextos e, na fase adolescente (segunda etapa), podem surgir conflitos entre pais e filhos sobre o investimento excessivo na aparência e nos passeios. Na fase madura (terceira etapa), a atenção volta-se para o casal, aposentadoria, padrão de vida alterado e a chegada de novos membros (casamento dos filhos, netos). E, finalmente, a fase última (quarta etapa) com o envelhecimento dos

pais, a necessidade de lidar com perdas, viuvez, tratamentos de saúde, seus respectivos custos e demandas por cuidado de pessoas. Questões financeiras e de moradia também geram preocupação e tensão nessa fase.

As questões de gênero também podem interferir na gestão do orçamento, isto é, a maneira como cada cônjuge internalizou os papéis sociais esperados para as pessoas conforme o seu sexo biológico. Uma das definições de gênero é “o conjunto de regras segundo as quais as sociedades transformam as condições biológicas da diferença em normas sociais...” (Louis, 1986, p. 460).

Socialmente foram instituídas funções específicas para homens e mulheres conforme suas características anátomo-fisiológicas e psicológicas (força/fragilidade; razão/emoção). Comumente ao homem era dado o direito de atuar no ambiente público (responsável por prover as necessidades da família) e a mulher, no ambiente privado, doméstico, cuidando da casa e dos filhos (Ferreira, 2008). Entretanto, por razões históricas, econômicas e sociais, mulheres passaram a participar mais ativamente do mercado de trabalho (Hoffman & Leone, 2004), mudando em parte o cenário que se pré-configurava as divisões de tarefas/trabalho. Apesar de certas mudanças, estereótipos ligados a gênero são socialmente mantidos.

Na terapia de casal, as questões de gênero podem emergir por intermédio de conflitos. Estes impulsionados por crenças preconceituosas ou pela assunção de comportamentos estereotipados que sustentam o desequilíbrio de poder entre os cônjuges.

Algumas famílias, ainda nos dias atuais, se alinham ao modelo chamado de patriarcal, no qual o homem possui poder de decisão sobre a mulher e os filhos; a divisão de tarefas/trabalho é baseada nos sexos, conforme dito anteriormente; o vínculo afetivo é da mãe para com os filhos, o pai afigura-se como provedor; há regras na vivência da sexualidade (e fidelidade) que garantem maior liberdade ao homem (Macedo, 2009). Há também famílias em que, por desejo ou necessidade, tal modelo vem sendo revisto, o que não costuma ser tarefa fácil. Secco e Lucas (2015) buscaram compreender, mediante estudo de caso coletivo, como a independência financeira feminina influencia no relacionamento amoroso e constataram baixo nível de tolerância para com os parceiros, indicando dificuldades na resolução de conflitos e adiamento da maternidade em função da dedicação aos estudos e à carreira profissional.

Além das questões de gênero, a comunicação entre o casal também influencia a gestão das finanças, seja promovendo diálogos, negociações ou desacordos. Watzlawick, Beavin e Jackson (2011) afirmam que todo comportamento comunica algo, seja de modo analógico (não verbal) ou digital (verbal). As trocas comunicacionais podem ser mais igualitárias (simétricas) ou mais complementares, nas quais as diferenças são legitimadas. O equilíbrio entre simetria e complementaridade pode gerar flexibilidade de papéis e trocas eventuais de posição entre cônjuges.

Na interação simétrica minimiza-se a diferença entre a díade e, na complementar, ela é maximizada. A diferença diz respeito tanto à posição no contexto social ou cultural (por exemplo, mãe e filho; professor e aluno) como pode ser um estilo de relação singular do casal. Tais interações não são boas ou más, são apenas intercâmbios dialógicos que, podem conduzir a aceitação mútua, respeito e confiança, ou não. Vale destacar que “um parceiro não impõe uma relação... ao outro, mas, antes, comporta-se de maneira que pressupõe o comportamento do outro...” (Watzlawick et al., 2011, p. 63).

Os casais constroem entre si acordos e padrões, em parte implícitos, em parte verbalizados. É importante que não paralitem com o excesso de simetria (competição entre cônjuges), o que leva a sentimentos recíprocos de rejeição, ou com a complementaridade rígida conduzindo um dos parceiros a desconirmação do próprio eu (anulação de si mesmo). Relações de dependência geralmente têm exacerbados papéis complementares. A comunicação deve ser compreendida no nível relacional e, portanto, “não só é possível, mas necessário aos dois parceiros relacionarem-se simetricamente em algumas áreas e complementarmente em outras.” (Watzlawick et al., 2011, p. 96).

As características das trocas comunicacionais podem ser observadas nas diferentes categorias de decisões de compra: espontânea (impulsiva); habitual (baseada no roteiro de costume); autônoma (um dos cônjuges decide, mas pondera a aprovação ou não do outro) ou conjunta (ambos decidem). A decisão conjunta é menos frequente se aquele/a que pretende fazer a aquisição exerce maior poder na relação e se esta apresenta qualidade empobrecida, ou ainda se a relação é muito tradicional – consolidando as divisões de papéis (Kirchler, Hoelzl & Kamleitner, 2008).

Outro fator que deve ser mencionado é o padrão de interação que se repete tanto na vivência da conjugalidade como da parentalidade. É muito natural os cônjuges reproduzirem comportamentos das respectivas famílias de origem e de outras gerações, muitas vezes sem se darem conta. Alguns modelos de comportamento e de interação podem ser facilmente identificados por parentes: *você está agindo igualzinho o teu avô, aquele velho pão duro!* Padrões de relação e de comportamento, além de manterem expectativas, são transmitidos de geração para geração.

Cervený (2011) afirma que alguns modelos geram estagnação e sentimentos de impotência, como se fossem impossíveis de serem mudados. A transmissão dos padrões interacionais não se limita a uma geração (pais/filhos), mas é intergeracional e pode ser estendida até a quarta geração.

No contexto clínico é habitual os casais se queixarem que, no momento da escolha do/a parceiro/a optaram pelos pretendentes adversos aos próprios pais, mas que com o passar dos anos, revelaram-se praticamente iguais (Cervený, 2011). De acordo com esta observação e acrescentando explicações sobre tal repetição, Anton (2012, p. 46) sustenta que “nossas experiências progressas, nossas memórias mais remotas, conduzem-nos a um arquivo no qual constam fatores estimulantes, que justificam atrações e repulsas; conduzem-nos ao reconhecimento de possibilidades e dificuldades, desejos e temores.” É possível inferir-se que, pela leitura analógica, escolhe-se o/a parceiro/a e, pela dinâmica das permutas comunicacionais, estrutura-se o relacionamento conjugal, muito provavelmente com características semelhantes a outros relacionamentos aprendidos quer na família de origem ou na família ampliada, de acordo com cargas emocionais e significados positivos atribuídos às relações.

Além dos aspectos familiares acima destacados, a condição de vida do casal, suas expectativas e necessidades ligadas ao seu desenvolvimento, qualidade de vida e consumo, influenciam na construção de possibilidades de gestão do orçamento doméstico, o que ocorre, portanto, em meio às relações (conjugais, familiares e socialmente mais amplas), processos (de desenvolvimento individual, familiar, social, histórico) e contextos (condições materiais, possibilidades de acesso aos direitos e à renda). Portanto, existem intercâmbios complexos que ocorrem entre o micro contexto e seus subsistemas (família, casal e indivíduo), e o macro contexto (elementos histórico-culturais, organização

social, política e econômica) que afetam a percepção e os múltiplos significados atribuídos ao dinheiro nas relações humanas (Bauman, 1999; Simmel, 2009).

Contemporaneamente, há grande incentivo e oportunidades de consumo, ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho se mostra reduzido e instável, o custo de vida está em constante ascensão e as pessoas podem apresentar dificuldades para equilibrar família-trabalho e para gerir recursos (Goulart Júnior, Feijó, Cunha, Corrêa & Gouveia, 2013).

Corroborando esta constatação, Casábuis (2004) destaca a importância da estabilidade financeira conjugal (e familiar) como garantia de satisfação das necessidades básicas com a finalidade de evitar alto nível de ansiedade, desentendimento do casal por conta das frustrações, tensões ocasionadas genericamente pelo endividamento e/ou desequilíbrio no orçamento doméstico.

A alfabetização e socialização econômica desde a infância (Araújo, 2009) também definem o modo de os casais lidarem com o dinheiro na fase adulta e a família de origem tem relevante participação nesse processo (Lauer-Leite, Magalhães, Lordelo & Lelis, 2012). Levando em conta que o conhecimento formal sobre o funcionamento da economia; valores, crenças, atitudes e comportamentos relacionados ao consumo têm sido introduzido paulatinamente na educação básica, ainda de forma assistemática, no tema transversal Trabalho e Consumo (Brasil, 1997; Gonçalves & Lopes Júnior, 2015). Todavia, existem atualmente núcleos de pesquisa nacionais que se empenham em construir modelos de alfabetização econômica (Lauer-Leite et al., 2012).

Compreender a relação entre a gestão do orçamento doméstico e a dinâmica conjugal é uma tarefa desafiadora. A conjugalidade, além de marcada pelas individualidades, sofre influências familiares e socialmente mais amplas. Conseqüentemente, as decisões relacionadas ao orçamento também estão sujeitas a tais relações e contextos. Assim, entrelaçando e compartilhando as visões de mundo e de ser humano, as histórias pessoais, as expectativas e os projetos de vida, os cônjuges são desafiados à coconstruírem a conjugalidade, com respeito às individualidades (Féres-Carneiro, 1998).

Portanto, na análise dos padrões de construção (e de dissolução) da conjugalidade (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010), nota-se que outros inúmeros desafios se interpõem, como: a percepção que se constrói sobre o (a) parceiro (a) e a relação; projeção (no outro ou na relação) dos conflitos internos; alterações na afetividade e no comportamento; padrões interacionais; o manejo de conflitos (promover discussões, evitar discussões, discutir por motivos triviais); com quem e como se detém o poder (tomada de decisões, uso de recursos da família, coalizões e alianças na família). Além dos fatores percorridos nessa seção, estes padrões podem afetar a maneira de o casal lidar com a dimensão financeira.

## **Método**

### *Participantes*

Concordaram em participar desse estudo seis casais heterossexuais, vinculados formalmente até cinco anos, com ou sem filhos. A idade dos participantes variou entre 25 e 41 anos. Entretanto, é importante destacar que todos os casais estão na fase de aquisição do ciclo vital (Cervený & Berthoud,

2002). A amostragem foi não probabilística na forma acidental, ou seja, *por conveniência* (Cozby, 2003). O critério de exclusão adotado refere-se a participantes que tenham qualquer grau de intimidade (parentes, amigos ou clientes) com a pesquisadora.

### *Procedimentos e instrumentos*

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade teve início o processo de recrutamento dos participantes, alguns destes foram indicados por pessoas conhecidas ou do convívio social da pesquisadora. Posteriormente cada casal participante contribuía com a indicação de outros casais. O contato inicial com os participantes foi por telefone, momento em que se confirmava ou não a disposição em participar da pesquisa. Com a anuência de ambos os cônjuges foi feito o agendamento conforme a disponibilidade dos envolvidos. A coleta de dados foi realizada na clínica onde a pesquisadora atua como psicóloga, com a finalidade de garantir o sigilo e a privacidade dos participantes. Antes do procedimento, os casais foram esclarecidos sobre as condições que estavam se dispondo a participar, estando plenamente de acordo preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em seguida, foram realizadas as entrevistas guiadas por roteiros semiestruturados, gravadas em áudio e *a posteriori* transcritas na íntegra. A entrevista de cada casal teve duração aproximada de 40 minutos. Cabe informar que neste artigo serão analisadas apenas duas questões de um questionário mais amplo: Primeira questão: Cite um ou mais itens presentes no orçamento doméstico que comumente geram opiniões contrárias entre o casal sobre adquirir, manter ou excluir um produto/serviço. Caso a resposta seja negativa, o casal recorda-se de alguma outra situação envolvendo decisões sobre o orçamento doméstico que gerou divergências? Segunda questão: Como vocês aprenderam ou com quem aprenderam esse método de gestão do orçamento doméstico?

Inicialmente os dados foram pré-analisados, fez-se uma exploração do material. Em seguida, os resultados foram organizados mediante os temas emergidos nas narrativas e, finalmente, foram feitas considerações pautadas nos estudos sobre conjugalidade, gênero, comunicação e intergeracionalidade.

## **Resultados e discussão**

### *Categorias de análise*

As narrativas sobre as principais divergências entre os cônjuges no gerenciamento do orçamento doméstico (primeira questão) e sobre como e/ou com quem aprenderam a lidar com o orçamento doméstico (segunda questão) foram analisadas conforme as categorias emergidas – gênero e comunicação e repetição de padrões de interação.

Os participantes foram identificados por M, sexo masculino e F, sexo feminino e, na frente da letra consta a sequência em que foram entrevistados – do Um a Seis. O casal Um foi identificado por M1 e F1, assim sucessivamente.

### 1. Dificuldades e conflitos dos casais na gestão do orçamento doméstico.

Neste estudo verificou-se que os principais desencadeadores de divergências percebidos pelos casais entrevistados são os produtos ou serviços de alto e de médio custo. As situações relacionadas à forma de pagamento (à vista ou a prazo); saques frequentes na poupança; compras na internet; o fato de não comunicar ao/a cônjuge o que está sendo adquirido (compra autônoma de um dos cônjuges); ou ainda, situações em que o/a cônjuge quer participar de uma decisão de compra que seria, pela cultura de gênero, papel do/a outro/a cônjuge, comumente conduzem os casais entrevistados à discussão.

A alta frequência de consumo dos produtos de médio custo como roupas, presentes, celulares, bebida alcoólica e alguns produtos de supermercado também são motivos de desentendimentos entre os casais dessa amostra por serem considerados, na maior parte das vezes, supérfluos e, portanto, desnecessários por pelo menos um dos cônjuges.

Os produtos e/ou serviços de alto custo como imóvel, móveis, troca de carro, viagem de férias, plano de saúde, seguro doença e de vida são geradores de divergências devido ao pagamento contínuo de parcelas com custos de médio a alto valor por extensos períodos e, ao fato de não terem certeza sobre os riscos, levando em conta a instabilidade financeira presente no país. Não obstante, os casais dessa amostra quase sempre chegam a um consenso e tomam decisão conjunta sobre a melhor opção para ambos quando se trata de investimento de alto custo.

1.1 A variação dos custos dos produtos ou serviços consumidos pelos casais e a maneira de comunicarem as suas decisões de compras podem ser fatores insuficientes para explicar as razões pelas quais os casais convergem ou divergem quando lidam com as finanças. Para Archuleta (2013) a convergência nesse quesito se dá quando o casal possui metas e valores compartilhados sobre o dinheiro, sendo estes mais fortes preditores de satisfação no relacionamento do que as estratégias de comunicação. Tal estudo concluiu ainda que a participação conjunta no trato das finanças é mais importante para o casal do que o sucesso individual na gestão do dinheiro. Corroborando com esse estudo Razera, Cenci e Falcke (2015) realizaram uma pesquisa com 372 participantes e segundo 57,3% deles ambos os cônjuges controlam as finanças do casal. Melhores índices de ajustamento conjugal foram observados quando, na visão de um dos cônjuges, as decisões financeiras são compartilhadas. Todavia, deve-se considerar a infidelidade financeira (mentir ao cônjuge sobre o real *status* financeiro do casal) como possível causa de divergências conjugais. Já que o relato de decisão consensual dos entrevistados pode representar receio de exposição das dificuldades nessa área (tabu) ou resposta conforme a expectativa social (Hart, Mosmann & Falcke, 2016). Gênero e comunicação

Padrões socialmente construídos em torno de gênero resultam em expectativas sobre os comportamentos de homens e mulheres, como mostram os resultados discutidos a seguir.

A questão de gênero ainda é fortemente marcada pelo modelo patriarcal, ou seja, aquele em que tanto o sexo masculino como o feminino têm seus papéis sociais delimitados pelas funções de acordo com as expectativas culturais (Macedo, 2009). Os discursos abaixo evidenciam parte destes comportamentos supracitados.

*Eu não valorizo tanto presente e ela [F3] já gosta de dar. ... Mulher naturalmente já compra muito, entendeu? [sic M3]*

Essa narrativa de M3 refere-se a um ponto de divergência entre o casal no início do casamento. Por um lado, esse discurso legitima a racionalidade de M3 que não valoriza a demonstração de afetividade por meio da compra de presentes, comportamento frequentemente apresentado por F3. Por outro lado, são comuns diferenças de consumo entre homens e mulheres na nossa sociedade como mostra a pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) revelando que os maiores gastos do público feminino são as roupas e calçados (60,9%) e produtos para o cabelo (45,9%). Itens para higienização da casa (39,4%), perfumes (37,5%), alimentação fora de casa (32,0%), lanches, doces e salgadinhos (28,6%), roupas íntimas (26,7%), cremes (22,8%), salão de beleza (21,1%) e contas de celular (20,8%). O levantamento foi realizado com 810 mulheres com idade igual ou superior a 18 anos, de todas as classes sociais em todas as capitais e no interior do Brasil. Para 37% destas mulheres, o modo como é gasto o dinheiro é uma das principais razões de brigas conjugais. A margem de erro é de 3,5 pontos percentuais para um intervalo de confiança a 95%. (SPC & CNDL, 2016).

Seguem outros discursos que denotam a força dos papéis sociais infundidos culturalmente a homens e mulheres. F5 relatou o que pensa sobre M5 querer opinar na compra de móveis, esclarecendo a sua preferência de ser exclusivamente responsável pelas decisões referentes ao ambiente doméstico (espaço privado).

*Coisa de casa, algumas coisas são mais de mulher! ... Coisas de carro, o carro quebrou, não sei o quê do motor, eu não vou me intrometer, eu não vou falar nada! Oh eu acho que esse aqui é bom, não é do meu conhecimento, entendeu? ... Então eu não vou falar nada e eu acho que as coisas da casa poderiam ficar mais com a mulher. Quem passa mais tempo dentro de casa sou eu. [sic F5]*

M5 e F5 apresentam comportamentos complementares tipificados, ou seja, ressaltam as diferenças entre eles (Watzlawick, Beavin & Jackson, 2011) e disputam sobre quem tem razão sobre os fatos (escalada simétrica). Esse casal apresenta a *posição tradicional de gênero* (Macedo, 2009) devido aos papéis complementares de homem provedor e mulher dona de casa – embora F5 trabalhe, fá-lo em meio período e recebe salário menor que M5. Nas narrativas seguintes verificou-se ainda que estão implícitos os comportamentos de *cautela* que a mulher precisa ter mesmo na aquisição de um produto e de *conquista* que o homem pode ter (Macedo, 2009). A mulher precisa economizar, pois deve pensar no bem comum, na família. O homem pode ser mais arrojado e tomar decisões autônomas porque é o provedor. Nesse caso, ambos trabalham, entretanto, M6 tem maior salário que F6.

*... É que agora ela [F6] parou um pouco com o celular, mas ela gosta muito de comprar celular. É, celular caro! [sic M6]*

*Às vezes eu quero comprar alguma coisa também, assim, na internet, daí ela [F6] fala: Nossa! Você comprou e nem me avisou, né? Custava me avisar e eu respondo: Ah eu queria! [sic M6]*

*... E quando eu preciso, ela [F6] ajuda, ela tá sempre ajudando [também financeiramente], nunca negou nada, mas como eu ganho um pouco mais, então... [sic M6]*

Observou-se também que tanto o sexto casal como o primeiro intercalam o modelo patriarcal com aspectos relacionais complementares flexíveis. Apresentam características da fase de *transição* (Macedo, 2009) em relação ao gênero, pois lidam, vez ou outra, com as demandas que surgem



independentemente dos papéis instituídos e “conseguem validar os papéis novos que... estão desempenhando na família, embora haja muitas oscilações ainda entre as novas e as velhas crenças.” (p. 64).

*... Quando ela [F1] foi fazer o plano de saúde a gente ficou discutindo se ia fazer o convênio X ou o Y. Daí por uma diferença pequena (R\$ 70,00 ou 100,00) acabamos fazendo X... E tem ainda uma outra opção que a gente não chegou a um consenso que é o seguro doença e de vida também. [sic M1]*

O segundo casal também tende a tomar decisões conjuntas com base na negociação integrativa (Robbins, 2009), principalmente quando envolve investimento de alto custo. O casal apresenta características de relação simétrica, ou seja, mais igualitária (Watzlawick et al., 2011), tornando questões relacionadas às decisões de compras do casal mais equilibradas, sem expressão de domínio ou de disputas de poder.

*“Eu acho que quanto mais assim, no valor quantitativo [alto custo] pra adquirir, mais nós debatemos sobre isso, né? Um exemplo, a decisão de um imóvel. ... Aí realmente tem que ficar um vendo o movimento do outro, acho que os dois pensando juntos é melhor, né? Benefícios, gastos...” [sic F2].*

Além das questões relacionadas ao gênero e à comunicação do casal, os padrões de repetição também guardam importante valor na compreensão das interações de casais e famílias. *1.2 Repetição de padrões de interação*

Relacionando as divergências dos casais sobre o gerenciamento do orçamento doméstico aos comportamentos que se repetem entre as gerações, têm-se as narrativas de M1 e F1.

*“A gente está pensando em trocar o carro, por ela [F1] a gente já teria ontem um carro.” [sic M1]*

*“Por mim eu dividiria em quinhentas suaves prestações. Mas ele prefere dividir no mínimo possível e para mim, tanto faz.” [sic F1]*

Com a morte de seu pai durante a adolescência, M1 teve que lidar, em parceria com a sua mãe, com as dívidas que seu pai deixou que, segundo M1, eram muitas, pois ele era descontrolado financeiramente. Sua mãe, por outro lado, era bem controlada com o dinheiro e incentivou esse comportamento no filho. Portanto, M1 escolheu aderir em parte ao modelo da mãe, pois reflete antes de fazer uma aquisição vultosa e prefere comprar à vista ou possivelmente em menos parcelas.

Nota-se que a adoção do antimodelo, isto é, ter comportamento contrário à figura de referência [pai], também é um modo de transmissão intergeracional de padrões. (Cervený, 2011).

F1, por sua vez, se espelha no modelo de seu pai que, além de prover as necessidades da família, também realizava desejos, mesmo que para isso tivesse que se endividar. Conforme F1 todos na sua família de origem têm o mesmo perfil, não conseguem postergar a compra de algo, buscam o prazer imediato. F1 afirma já ter feito algumas mudanças em decorrência do convívio com M1, mas ainda apresenta muita dificuldade, pois se assume consumista.

Esse casal não apresenta tantas divergências no quesito financeiro porque acordaram que cada um seria responsável por administrar o próprio salário, aceitando o fato de M1 manter-se na posição de provedor e de F1 usar o próprio salário como preferir.

## 2. Aprendizagem e desenvolvimento de padrões de gestão do orçamento doméstico.

Segundo o relato dos casais entrevistados cada cônjuge aprendeu a gerenciar o orçamento doméstico com a família de origem, por modelo e/ou antimodelo dos pais, conforme seguem os discursos.

*“Na verdade, eu acho que, a minha mãe, sempre falou que... até a sombra do homem sem dinheiro é triste, está entendendo? Então ela falava isso desde quando eu tinha quatro, cinco anos de idade. E meu pai sempre gastava muito dinheiro com várias outras coisas, ganhava bastante, mas também não fazia muita coisa. ... Porém, quando ele faleceu, a gente não tinha nada. Então complicou tudo! ... Então o que é que eu vi do meu pai praticamente, ele casou, ele sustentou a família. Na minha cabeça, é uma coisa boa uma pessoa chegar e conseguir sustentar uma família. ... Eu gosto de guardar dinheiro, na verdade, por causa do futuro e eu acho que pelo meu pai ter gastado muita grana e, quando ele faleceu a gente teve que rebolar [muitas dificuldades para sobreporem] um pouco. Eu, na minha cabeça, não gostaria que fosse igual com a minha família se acontecesse algo comigo [referindo-se a possibilidade da própria morte]. ... Então eu acho que aprendi muito. Minha mãe era muito apegada ao dinheiro, minha mãe é extremamente ligada a dinheiro. O meu pai já não era. Então eu sou um fruto do que eu vi dos dois, entendeu?” [sic M1]*

Nota-se a memória de um impacto emocional do provérbio dito pela mãe a M1 quando este tinha por volta de cinco anos. Os provérbios produzem significado; todavia, podem atuar como mais um elemento a interferir no imaginário social, de modo automático (Menandro, Rolke & Bertollo, 2005), desde a escolha do parceiro até o cotidiano prático dos casais. Devido ao *medo de ter a sombra triste de um homem pobre* e da história com a sua família de origem se repetir na sua geração, M1 costuma poupar muito pensando no seu futuro e da sua família (nuclear e de origem). Sua escolha atual no modo de gerenciar o orçamento doméstico possui a influência das narrativas e experiências da mãe e do pai, como modelo e antimodelo concomitantemente, tanto de não ser excessivamente preocupado com o dinheiro como de não ser negligente.

O comportamento de M1 denota também uma *lealdade* a sua mãe (Borszomenyi-Nagy & Spark, 1973), o que significa dizer que ele cumpriu com a expectativa dela, inclusive com relação aos *mitos familiares organizadores* de autoridade (respeito à hierarquia), de propriedade (estabilidade financeira da família) e de ajuda e cuidado (proteção das pessoas e dos bens) (Krom, 2016).

É interessante observar que M1 escolheu uma parceira com as mesmas características do seu pai no que diz respeito ao modo de lidar com o dinheiro. Nesse ponto, Cerveny (2011, p. 53) esclarece que “a forma de repetição do antimodelo é tão rígida e determinante como ao do próprio modelo e, não raro, de uma simetria que acaba lembrando o que se queria anular.” A autora alerta ainda que a opção tanto pelo modelo como antimodelo pode ser entendida como uma relação de complementaridade mais do que de oposição simplesmente. Pode-se inferir inclusive uma tentativa de reparação da relação conjugal dos pais que não teve êxito na dimensão financeira.

*Eu vim de uma família que é muito imediatista. Meu pai sempre ganhou muito dinheiro, mas nunca guardou nada. E hoje meu pai acabou ficando doente de diabetes, recebe a parcela do INSS ou coisa assim. E hoje ele não tem dinheiro nenhum guardado. ... Então meu pai chegava*

*de viagem, a gente ia para o shopping, ia comer, fazer um monte de coisas, gastava todo o dinheiro, mas a gente sempre foi muito feliz desse jeito, entendeu? Então prá gente funcionou, ... mas a gente ainda é assim. Então eu pego o meu salário, o que vou fazer? Agora eu quero ficar feliz, eu quero ir no McDonalds! Isso é toda minha família, a minha mãe, o meu irmão, a minha irmã, todo mundo é assim! [sic F1]*

A lealdade de F1 à sua família de origem também é evidenciada quando incorpora a si o modelo instituído pelo seu pai e compartilhado pelos membros daquele sistema – uma cultura familiar hedonista associada ao sentimento de felicidade. Lipovetsky (2007) explica a influência do consumo emocional (incentivado pelo marketing na sociedade do hiperconsumo), isto é, a importância dada a experiência e as memórias afetivas atreladas às marcas. Dessa forma, a privação do consumo poderia causar desconforto.

Outro ponto que se destaca também é a fusão emocional (Bowen, 1972) entre os membros do sistema familiar de F1, o que resulta em pouca diferenciação do *Self* na maneira de gerenciar o dinheiro. Pessoas pouco diferenciadas costumam ser reativas, são controladas pelos sentimentos, as emoções possuem domínio sobre a razão grande parte do tempo. Portanto, apresentam dificuldade de avaliar a realidade de forma objetiva. Seus objetivos de vida estão atrelados aos sentimentos (amor, conforto, segurança, felicidade) que pretende experimentar nas suas interações (Hall, 2013). Nesse contexto, o processo de diferenciação acarretaria em deslealdade ao sistema familiar, o que poderia ocasionar inclusive rupturas emocionais, justificando a dificuldade em mudar o comportamento consumista.

Os casais também relataram que a convivência com o/a cônjuge, a maturidade, curso de finanças para casais, o método de tentativa e erro (experimentação e ajustes) também contribuem e aperfeiçoam a gestão do orçamento doméstico.

*... Acho que foi com amadurecimento só. Que eu lembro quando eu era mais novo, eu era mais impulsivo. ... Hoje, tipo, supermercado, comida não pode faltar, energia. ... É que nem o pilar lá, né? E com o passar do tempo você vai, tipo, dando valor pra essas coisas. Acho que só morando em conjunto mesmo. [sic M2]*

*Eu aprendi bastante com M3, e, assim, me espelhei a não ser como os meus pais. Por que eles não têm, assim, um controle muito bom me ajudando. ... Eu me lembro mais, assim, principalmente naquele retiro da igreja para casais que lá eles começaram a introduzir o assunto de renda familiar, de finanças para casal .... [sic F3]*

*A gente tentou cada um fazendo do seu jeito, não funcionou! Cada um com a sua planilha de custos, não funcionou! ... Então a gente decidiu passar só para uma pessoa [neste caso, F4], essa pessoa sabe tudo [sobre as contas], só informa a outra. [sic M4]*

*A gente tem o modelo dos nossos pais e ... vivendo, passando por experiências vai se adequando. [sic F5]*

M6 aprendeu a gerenciar o orçamento doméstico com o seu pai e este, provavelmente, aprendeu a ser provedor conforme os papéis construídos culturalmente (modelo patriarcal).

*Ah veio do meu pai mesmo. Olha, é que é assim ó... eu penso assim... : eu sou homem então, não é que eu sou machista, mas eu, eu gosto que F6 ajuda na casa, prá mim ver que ela se importa com o lar, prá mim ver ela ali se empenhando na casa. Só que eu gosto de, é, como meu*

*pai que banca a casa inteira, eu gosto de bancar a casa, não é que eu gosto, mas eu estou acostumado. Então... prá mim trabalhar de servente, de qualquer coisa, então eu sei que eu vou trabalhar para colocar alguma coisa em casa. [sic M6]*

*Meus pais são separados, eu fiquei com a minha mãe e minhas irmãs, quatro meninas e ela [mãe], sempre trabalhava fora. Meu pai às vezes pagava pensão, às vezes não pagava. Então o exemplo que eu tenho da minha mãe é de mulher ir mesmo trabalhar, lutar e colocar coisa dentro de casa, na verdade. Mas aí como ele [M6] diz: as coisas aqui de casa eu vou pagar, você fica com o dinheiro para você e o nosso filho. Ah, então tá bom. [sic F6]*

F6, por sua vez, também trabalha fora de casa, pois aprendeu o valor do trabalho com a sua mãe, já que esta não podia contar com a ajuda do ex-marido. Observa-se que F6 se adapta ao modelo de gestão de M6; entretanto, mantém a sua independência financeira.

### **Considerações finais**

Os resultados deste estudo exemplificam que a *figura* em destaque está relacionada à gestão do orçamento doméstico pelos cônjuges; entretanto, o *plano de fundo* agrupa questões relacionadas ao ciclo vital, à cultura de gênero, à comunicação, aos padrões de interação que se repetem na família de origem, incluindo o grau de diferenciação de cada membro do sistema familiar. Torna-se imprescindível a atenção sobre estes temas e em outros atrelados a eles (complexidade) para se compreender como interatuam nas relações conjugais quando a pauta é sobre finanças. Uma das limitações desse estudo, embora não tenha sido proposital, foi a não inclusão na amostra de casais que apresentam dificuldades materiais, o que pode ser foco de estudo posterior.

As divergências dos casais nas decisões de compras domésticas estão relacionadas aos custos dos produtos, a forma de pagamento, quem efetua a compra e de que maneira (se há comunicação explícita e negociação entre os cônjuges ou não). Embora pesquisas de mercado apontem que as mulheres consomem mais, não foi o objetivo desse estudo realizar tal comparação. Todavia, há convergência na ideia de que, além de haver uma infinidade de produtos criados para mulheres, existe também o *bombardeio* de estímulos para o consumo, tão bem estruturado pelo marketing e atrelado aos estereótipos de gênero socialmente sustentados.

Observou-se que nos casais entrevistados, os cônjuges tendem a decisões de compras autônomas, quando o custo do produto é baixo ou médio, e tomam decisão conjunta, quando os produtos ou serviços são de alto custo.

Em relação ao gênero, houve um predomínio do modelo patriarcal; no entanto, a maioria dos casais (4 deles) apresentou abertura para a desconstrução das crenças estereotipadas sobre o papel do homem e da mulher. Apesar da desigualdade de gênero e das dificuldades, os casais enfrentam os desafios, colaboram e não estão *presos* por dependência.

Verificou-se ainda a presença das lealdades, de legados e de mitos na vivência dos modelos e antimodelos das famílias de origem relacionados ao modo de lidar com o dinheiro, com a gestão do orçamento doméstico dos casais no momento presente.

Entretanto, a troca de experiências entre os cônjuges denota que o aprendizado está em construção e, de acordo com o diálogo e o dinamismo do contexto, vão emergindo as habilidades de cada um para administrar o patrimônio, as finanças conjugais com a finalidade não só de ter a estabilidade financeira, sobretudo uma convivência de qualidade.

## Referências

- Anton, I. L. C. (2012). *A escolha do cônjuge: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. (2a. ed. rev. ampl.). Porto Alegre: Artmed.
- Araújo, R. M. B. de. (2009). *Alfabetização econômica: Compromisso social na educação das crianças*. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo.
- Archuleta, K. L. (2013). Couples, money, and expectations: negotiating financial management roles to increase relationship satisfaction. *Marriage & Family Review*, 49(5), 391-441.
- Bowen, M. (1972). On the differentiation of self. In J. Framo (Ed.), *Family interaction: A dialogue between family researches and family therapists* (pp. 111-173). New York, Springer.
- Brasil (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais – Trabalho e Consumo*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Borszomenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (1973). *Invisible loyalties: Reciprocity in intergenerational family therapy*. Hagerstown, MD, Harper & Row.
- Carrilho, P. Q. (2013). *O primeiro milhão para casais: Como economizar e enriquecer juntos*. São Paulo: Academia.
- Casábuius, J. (2004). *A arte da convivência amorosa: Psicologia e tratamento dos conflitos afetivos no casal e na família*. São José dos Campos, SP: Della Bídia.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (1997). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C. M. de O. (2011). *A família como modelo: Desconstruindo a patologia*. Campinas: Livro Pleno.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Duarte, G. (2011). *Dicionário de administração e negócios*. Petrópolis, RJ: KBR.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. doi: 10.1590/S0102-79721998000200014.
- Féres-Carneiro, T. & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia*, 20(46), 269-278. doi: 10.1590/S0103-863X2010000200014.
- Ferreira, S. V. (2008). Questão de gênero. *Revista Filosofia Capital*, 3(6), 1-31. Retirado em 04/04/2015, do <http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/57/50>.

- Frabetti, K. C., Thomazelli, C., Feijó, M. R., Camargo, M. L., & Cardoso, H. F. (2015). Práticas narrativas e orientação profissional: A possibilidade de desconstrução de estereótipos ligados às profissões. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 24(53), 41-55. Retirado em 20/10/2016, de <http://www.revistanps.com.br/index.php/nps/article/view/145>.
- Gonçalves, A. L. & Lopes Júnior, J. (2015, outubro). Subsídios metodológicos para o ensino e a avaliação da aprendizagem do tema Trabalho e Consumo no âmbito da Educação Básica. [Resumo]. In Resumos de comunicação científica, 45ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Belo Horizonte, MG, SBP.
- Goulart Jr. E., Feijó, M. R., Cunha, E. V. da, Corrêa, B. J. & Gouveia, P. A. do E. S. (2013). Exigências familiares e do trabalho: Um equilíbrio necessário para a saúde de trabalhadores e organizações. *Revista Pensando Famílias*, 17(1), 110-122.
- Hall, C. M. (2013). *The Bowen family theory and its uses*. Chevy Chase, MD, International Psychotherapy Institute.
- Hart, J., Mosmann, C. P. & Falcke, D. (2016). Manejo do dinheiro pelo casal e infidelidade financeira. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(1), 260-276.
- Hoffmann, R. & Leone, E. T. (2004). Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. *Nova Economia*, 14(2), 35-58. Retirado em 15/05/2016, do <http://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/430>
- Kirchler, E., Hoelzl, E. & Kamleitner, B. (2008). Spending and credit use in the private household. *The Journal of Socio-Economics*, 37(2), 519–532.
- Krom, M. (Org.) (2016). *Desvendando mitos: O uso de uma leitura evolutiva e instrumental mítica* (2a ed.). Belo Horizonte: Artesã.
- Lauer-Leite, I., Magalhães, C. M. C., Lordelo, E. da R. & Lelis, I. L. (2010). Socialização econômica: Conhecendo o mundo econômico da criança. *Estudos de Psicologia*, 15(2), 145-152. doi: 10.1590/S1413-294X2010000200003.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: Um ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo* (Maria Lúcia Machado, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Louis, M. V. (1986). Recherches sur les femmes, recherches féministes. In M. Guillaume (Éd.), *L'État des Siences Sociales en France*. Paris, La Découverte.
- Macedo, R. M. S. (2009). Questões de gênero na terapia de família e casal. In Osório, L. C. & Valle, E. P. do (cols.). *Manual de terapia familiar* (pp. 58-73). Porto Alegre: Artmed.
- Menandro, P. R. M., Rolke, R. K. & Bertollo, M. (2005). Concepções sobre relações amorosas conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios. *Psicol. clin.* [online], 17(2), 81-100. doi: 10.1590/S0103-56652005000200007.
- Razera, J., Cenci, C. M. & Falcke, D. (2015). Manejo do dinheiro: Possíveis relações com o ajustamento e a violência em casais. *Perspectivas em Psicologia*, 19(2), 03-17.
- Robbins, S. P. (2009). *Fundamentos do comportamento organizacional*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

- Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) – Brasil. (2016). *Para 37% das mulheres, dinheiro é um dos principais motivos das brigas conjugais*. Retirado em 13/07/2016, do <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisas/pagina/2>.
- Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independentes. *Pensando Famílias*, 19(1), 61-76.
- Simmel, G. (2009). *Psicologia do dinheiro e outros ensaios*. Lisboa: Texto & Grafia.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (2011). *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. (15a ed.). São Paulo: Cultrix. (Obra original publicada em 1967).
- Zelizer, V. A. (2012). Sobre la negociación de la intimidad. In R. C. Vega (Ed.), *Formas de comprender el presente: Conferencias reunidas de la cátedra Norbert Lechner (2010-2011)*. Santiago, Chile: Ediciones Universidad Diego Portales (UDP).

### **Endereço para correspondência**

flixs2009@hotmail.com  
caramas@fc.unesp.br  
mariannefeijo@fc.unesp.br

Enviado em 08/11/2016  
1ª revisão em 30/11/2017  
Aceito em 11/01/2018